

## O DISCURSO SOBRE SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Wendel Souza Santos<sup>1</sup>

### RESUMO

Para o desenvolvimento do trabalho, foi realizada uma pesquisa qualitativa. A coleta de dados foi se deu por meio de algumas produções acadêmicas. Tivemos como objetivo desvelar o discurso sobre sexualidade na formação em Ciências Biológicas. As análises dos enunciados coletados se deram através das contribuições de Foucault, em articulação com os estudos de Deborah Britzman e Guacira Lopes Louro, sobre as questões referentes às temáticas do estudo em sexualidade. Desse modo, a tessitura textual foi fundamentada no entrecruzamento das questões de sexualidade e formação docente em Ciências Biológicas em sua produção investigativa de cunho pós-crítico. Concluímos que existe a necessidade de uma reflexão crítica na formação em Ciências Biológicas para as temáticas sobre sexualidade, questionando o olhar biologizante.

**Palavras- Chave:** Sexualidade, formação de professores, ensino de ciências e biologia.

### Introdução

Os estudos sobre sexualidade tendem a ser “marginalizados” dentro do espaço escolar, sendo encarados como “sacanagem”. Muitos seriam os motivos que explicariam o descaso da escola em relação ao tema, que vão desde: o fato destes estudos serem encarados como tabu; a dificuldade em abordá-lo devido à diversidade de opiniões; o medo e o silenciamento dos professores ao falar sobre sexo; o vazio sobre a temática na formação de professores. Infelizmente ainda encontramos tabus, preconceitos e relutâncias em discuti-lo.

Apesar de grandes avanços sobre a discussão do tema pela sociedade, o discurso sobre sexualidade e gênero nas escolas, entre docentes, gestores e discentes, ainda acontece de forma imatura, uma vez que é notória a ocorrência de dúvidas, mitos, e ideias pré-estabelecidas. O assunto na maioria das vezes resume-se à abordagem da reprodução biológica. Por meio de pesquisas, percebemos que existe uma lacuna em falar sobre o assunto também na formação de professores. Nesse contexto, nota-se o quanto se faz necessário falar sobre o assunto na formação docente.

Diante disso, delimitamos a nossa pesquisa na formação de professores de Ciências e/ou Biologia, pois, sendo sexualidade tida como tema transversal dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que são as diretrizes para os conteúdos ensinados

<sup>1</sup> Graduado em Pedagogia pela universidade estadual de Santa Cruz-UESC. wss181@hotmail.com

nas escolas, nota-se que são conteúdos abordados também por professores de Ciências e Biologia na educação básica. Nesse contexto, nosso objetivo foi detectar uma possível filiação teórica ou o viés que será levado à escola por meio dos discursos desses futuros professores. A coleta de dados foi realizada através de algumas pesquisas acadêmicas sobre sexualidade e formação docente em Ciências Biológicas.

Com isso, fez-se necessário analisar quais discursos vêm sendo articulados em torno do tema e que tipo de estratégias, efeitos e resistências vêm sendo estabelecidos desde então em relação às temáticas da sexualidade na formação de professores em Ciências Biológicas. Trazer tal discussão pode elencar um horizonte bastante rico para o diálogo no meio acadêmico.

Assim, buscou-se com esta pesquisa trazer reflexões acerca dos dizeres de docentes e discentes nas pesquisas acadêmicas sobre sexualidade nos cursos de Ciências Biológicas, com o objetivo de buscar algo que faça menção às questões da sexualidade na formação de professores. Esta investigação foi sustentada nos campos dos Estudos Culturais, Estudos Feministas e a Teoria *Queer*<sup>2</sup>, articulados com a perspectiva pós-estruturalista de análise.

Nesse contexto, segundo Louro (2000), conformado na estreita divisão entre mente e corpo, o campo educacional frequentemente rejeita, abafa, desqualifica ou ressignifica os temas relativos à sexualidade. Hoje, tal como antes,

a sexualidade permanece como alvo privilegiado da vigilância e do controle das sociedades. Ampliam-se e diversificam-se suas formas de regulação, multiplicam-se as instâncias e as instituições que se autorizam a ditar-lhe normas (LOURO, 2008, p.21).

Verificamos na literatura sobre o tema, que, ao longo de sua história, a educação brasileira estrutura-se a partir de discursos que reverberam em dizeres cotidianos fortemente tributários de um conjunto dinâmico de valores, normas e crenças responsável por reduzir à figura do “outro” (considerado “estranho”, “inferior”, “pecador”, “doente”, “pervertido”, “criminoso” ou “contagioso”) todos aqueles e aquelas que não se sintonizassem com o único componente valorizado pela heteronormatividade e pelos arsenais multifariamente a ela ligados – centrados no adulto, masculino, branco, heterossexual, burguês, física e mentalmente “normal” (Louro, 2000). Assim, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistema de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual queremos apoderar” (FOUCAULT, 1999, p.9).

<sup>2</sup> A Teoria Queer emergiu nos Estados Unidos em fins da década de 1980, em oposição crítica aos estudos sociológicos sobre minorias sexuais e gênero. Teórica e metodologicamente, os estudos queer surgiram do encontro entre uma corrente da Filosofia e dos Estudos Culturais norte-americanos com o pós-estruturalismo francês, que problematizou concepções clássicas de sujeito, identidade, agência e identificação. Central foi o rompimento com a concepção cartesiana (ou Iluminista) do sujeito como base de uma ontologia e de uma epistemologia. Ainda que haja variações entre os diversos autores, é possível afirmar que o sujeito no pós-estruturalismo é sempre encarado como provisório, circunstancial e cindido. Teóricos queer encontraram nas obras de Michel Foucault e Jacques Derrida conceitos e métodos para uma empreitada teórica mais ambiciosa do que a empreendida até então pelas ciências sociais. De forma geral, as duas obras filosóficas que forneceram suas bases foram *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber* (1976) e *Gramatologia* (1967), ambas publicadas em inglês na segunda metade da década de 1970. (MISKOLCI, 2009, p. 150).

Sendo assim, de modo especial, as profundas transformações que, nas últimas décadas, vêm afetando múltiplas dimensões da vida de mulheres e de homens e alterando concepções, as temáticas relativas à sexualidade não são compreendidas com seriedade no campo educacional. Assim, percebemos que pensar na formação dos professores é despertar para a importância de estabelecer uma compreensão com o contexto social, onde o conhecimento acadêmico serve de subsídio para a prática dos futuros docentes.

Desse modo, Guacira Lopes Louro (1997, 2000, 2003) aborda a sexualidade como construção social e enfatiza as mudanças ocorridas ao longo do tempo, convidando educadoras e educadores para que assumam essas mutações que os confrontam, como mola propulsora para discutir ideias como a de tolerância e aceitação da diferença, com o intuito de refletir sobre os currículos e a prática pedagógica.

Sendo a sexualidade entendida como uma construção social, histórica e cultural, sente-se a necessidade de ser discutida no espaço acadêmico, principalmente na formação docente - espaço privilegiado para o tratamento pedagógico desse desafio educacional contemporâneo, entendidas nas suas dimensões de campos de investigação e intervenção, no sentido de problematizar objetivos e práticas e, conjuntamente, caminhar buscando superar limites e efetivar uma proposta de formação comprometida para com a temática.

Portanto, o discurso sobre sexualidade na formação docente possui um suporte histórico e institucional, que permite ou proíbe sua realização. Isso significa que sua definição – discursiva, linguística e documental - está sujeita a vetores de força, a relações de poder (Foucault, 2008). “Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes [...]” (FOUCAULT, 1999, p.9). Diante disso, nessa discussão, terçemos o seguinte questionamento: Como estão sendo (des)velados o discurso sobre sexualidade na formação em Ciências Biológicas por meio de algumas pesquisas acadêmicas?

### **Os resultados da pesquisa**

O desenvolvimento desta pesquisa se deu através de 1 monografia de conclusão de curso de graduação, 1 tese de doutorado e 5 artigos. Para tanto, delimitamos na tabela abaixo somente os objetivos, resultados e autores das pesquisas. Cabe salientar, que todos os autores pesquisados foram citados nas referências finais do texto. Diante disso, seguimos a seguinte tabela:

Tabela 1: Pesquisas sobre sexualidade na formação em Ciências Biológicas

Fonte: Próprio autor

---

#### **CONCEPÇÕES SOBRE SEXUALIDADE, CONTRACEPÇÃO E PREVENÇÃO ENTRE UNIVERSITÁRIOS DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA UEFS**

**Objetivo:** Avaliar o nível de informação sobre aspectos de contracepção, prevenção e sexualidade entre os universitários formandos do curso de Ciências Biológicas da UEFS.

**Conclusão:** Os resultados mostraram que os participantes da pesquisa estão, em geral, bem informados, porém há equívocos sobre a temática, bem como despreparo e/ou medo de alguns para tratar do tema com outras pessoas.

**Autor (s):** Jesus e Melo (2012)

---

---

### **EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE: A COMPREENSÃO DE PROFESSORAS DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA SOBRE DIVERSIDADE SEXUAL**

**Objetivos:** Desenvolver um estudo sobre a compreensão e atuação de docentes licenciados em Ciências Biológicas que atuam em escolas da rede pública estadual de ensino de Lages/SC.

**Conclusão:** Chegaram à conclusão de que a sexualidade no ambiente escolar ainda é apoiada nas concepções predominantes médico-higienista, na moral religiosa dogmatizada e na consumista-quantitativa. O apelo consumista a uma sexualidade banalizada e heteronormativa é muito forte nos meios de comunicação que chegam antes, durante e depois da educação escolar.

**Autor (s):** Yared e Locks (2012)

---

### **ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS DE EDUCAÇÃO SEXUAL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA**

**Objetivo:** Averiguar o potencial metodológico de duas estratégias didáticas: “Repórter em Ação” e “Publicitário por um Dia”.

**Conclusão:** Neste sentido foi importante analisar a opinião dos licenciandos sobre as mesmas e o comportamento deles durante o processo. Os dados foram coletados por meio de registros da professora responsável pela disciplina e dos portfólios elaborados pelos discentes. A percepção dos alunos foi de que as estratégias se constituíram como elemento interessante para a formação do licenciando, sobretudo pela sua adequação metodológica ao tema sexualidade, que deve iniciar pelo diagnóstico pessoal, caminhando para o conhecimento conceitual e reconstrução de identidade pessoal e profissional, pelas mudanças de comportamento e de atitudes, de ambas as partes, dos licenciandos e da professora pela resignificação da prática docente.

**Autor (s):** Barcelos e Jacobucci (2011)

---

### **SEXUALIDADE NO ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA: UM ESTUDO SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DE FUTUROS/AS PROFESSORES/AS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

**Objetivo:** Conhecer as características, tendências e os elementos pedagógicos presentes nos projetos de ensino, da disciplina estágio supervisionado de tal curso, que tratam da discussão de sexualidade no espaço escolar.

**Conclusão:** Concluíram que o foco temático das ações pedagógicas, dos/as futuros/as professores/as, estão orientadas pelo discurso médico-biológico, legitimando os processos biológicos que envolvem tais situações.

**Autor (s):** Rodrigues e Santos (2013)

---

### **GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DE DOCENTES EM BIOLOGIA**

**Objetivo:** Verificar as concepções dos/as formandos/as do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná – UFPR acerca dos temas gênero e sexualidade, buscando assim compreender como foi articulada sua formação e quais as posições que estes/as futuros/as docentes de biologia levarão à instituição escolar no que tange o relacionamento com pessoas de diferentes identidades sexuais e de gênero.

**Conclusão:** Concluiu que as concepções dos entrevistados do que seja gênero e condição sexual são marcadas por uma conciliação das dimensões biológica e cultural. Tais concepções refletem-se na articulação de um posicionamento que pode ser classificado como politicamente correto, com ideias essencialistas e normatizadoras no que diz respeito à conduta do homossexual e à divisão dos sexos em masculino e feminino.

**Autor (s):** Souza (2008)

---

### **EDUCAÇÃO SEXUAL E FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS: CONTRADIÇÕES, LIMITES E POSSIBILIDADES**

**Objetivo:** Compreender as contradições, possibilidades e limitações da Educação Sexual na disciplina de Ciências nas Escolas de Ensino Fundamental.

**Conclusão:** Concluiu que intentam corroborar a tese que defendeu no estudo: a educação sexual escolar ainda não foi capaz de superar as matrizes e paradigmas oriundos da tradição médico-biologista. As novas abordagens da educação, as pesquisas no campo das Ciências Humanas e Sociais e a ampliação da investigação sobre a Sexualidade e suas plurívocas dimensões apontam para uma nova etapa da circunscrição científica e política dessa temática e suas implicações sociais.

**Autor (s):** Bonfim (2009)

---

**DISCURSOS SOBRE HOMOSSEXUALIDADE E GÊNERO NA FORMAÇÃO DOCENTE EM BIOLOGIA**

**Objetivo:** Discutir concepções sobre gênero e sexualidade na formação em ciências biológicas.

**Conclusão:** Concluíram que os resultados apontaram para a rejeição de posições preconceituosas a respeito das minorias sexuais e de gênero. Por outro lado, as respostas também indicaram alguns problemas: a noção da homossexualidade como algo contagioso permanece, e a indiferença e o desinteresse criam obstáculos para uma melhor aceitação da diversidade sexual. Por fim, discutiu a influência das disciplinas de licenciatura nos resultados e as possibilidades de mudanças curriculares na capacitação de docentes em ciências biológicas para lecionar sobre gênero e diversidade sexual.

**Autor (s):** Souza e Diniz (2010)

---

Os resultados dessa pesquisa nos mostram que as pesquisas sobre sexualidade na formação em Ciências Biológicas estão sendo desenvolvidas através das percepções dos professores de ciências e biologia quanto à referida temática.

Os autores citados na tabela 1 chegam à conclusão de que estas questões são tratadas e compreendidas de maneira geral apenas como algo biológico. Os autores mostram em suas pesquisas o quanto o discurso sobre sexualidade são normatizados, banalizados, dogmatizados, controlados. Quando redirecionamos nossos olhares para sexualidade e educação, deparamos com “teorias pedagógicas, psicológicas, sociológicas e/ou biológicas essencialistas, que acabam por convergir para conclusões reducionistas e normatizadoras sobre os sujeitos do processo educacional” (SOUZA; DINIS, 2010, p. 120). No livro *A Ordem do Discurso*, Foucault (2009) afirma que o discurso sobre sexualidade é exercido de modo privilegiado, em meio aos mais temíveis poderes. Segundo o filósofo, “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar tudo em qualquer circunstância. Temos aí um jogo de interdições que se cruzam, se reforçam” (FOUCAULT, 1999, p.9).

Assim, existe um despreparo dos professores de ciências e biologia para se abordar tal temática em sala de aula. Os autores destacam o vazio que existe em se abordar sexualidade na formação de professores em Ciências Biológicas e sugerem um novo olhar para os currículos dos cursos de formação docente na tentativa de capacitar esses futuros professores.

**A necessidade de se falar sobre sexualidade na formação em Ciências Biológicas: uma revisão**

Torna-se compreensível que o modo distorcido de compreender a sexualidade tem gerado, historicamente, sérios processos de exclusão no campo educacional. Percebemos, ao longo de nossas experiências educacionais que essa instituição dita normas, fabrica sujeitos, suas identidades em meio a relações de poder, tornando este, um espaço disciplinar e normalizador.

Entretanto, com sólidos conhecimentos acerca do desenrolar histórico sobre sexualidade, os autores Michel Foucault, Bell Hooks, Deborah Britzman, Guacira Lopes Louro, Jeffrey Weeks, Judith Butler, Richard Parker, Joan Scott, entre outros feministas *queer*, se empenharam e empenham em compreender o ser como biopsicossocial,

afastando-se da dicotomia estabilizada pelas relações de poder que acabam reprimindo as condutas sexuais, através de valores, crenças e regras julgadas socialmente como dentro dos padrões de normalidade por meio de discursos biologizantes. “Debater a oposição entre o dado biológico e a construção cultural/discursiva, é, portanto, atingir em cheio um dos corolários fundamentais de uma temática que consideramos de extrema importância nos estudos em educação” (SOUZA; DINIS, 2010, p. 122).

Nesse contexto, trazemos para a reflexão sobre sexualidade e formação em Ciências Biológicas a perspectiva pós-estruturalista. Sendo assim, Guacira Lopes Louro (1997) se volta especialmente para as práticas cotidianas, rotineiras e comuns. Entende que são precisamente os gestos e as palavras banalizados que devem se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e de desconfiança. A tarefa mais urgente seria desconfiar do que é tomado como "natural". Desta forma, -na formação em Ciências Biológicas, bem como o Ensino de Ciências na educação básica- currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos e processos de avaliação precisam ser colocados sempre em questão e avaliação.

Desse modo, Louro (1997, 2011), expressa sua inconformidade e desencanto em relação aos tradicionais arranjos sociais e políticos, às grandes teorias universais, ao vazio formalismo acadêmico, à discriminação, à segregação e ao silenciamento. Há muito tempo a autora vem estudando e trabalhando com essas questões. Ela demonstra consciência de que essas abordagens são muito importantes para quem trabalha no campo da Educação, muito especialmente para professores que lidam, cotidianamente, com crianças e adolescentes. Logo, urge cada vez mais estudos de como estão sendo desenvolvidas essas temáticas na formação em Ciências Biológicas, pois serão esses professores que irão ser desafiados a acolher e dar algum encaminhamento às dúvidas, às perguntas e às situações que essas crianças e jovens constantemente nos colocam. Nesse contexto,

A complexidade de desenvolvimento real do tema sexualidade parece indicar uma deficiência na forma como os professores têm sido formados nas universidades em suas respectivas licenciaturas ou espaço de formação inicial. Em nossa pesquisa, pudemos constatar especialmente nos cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas que, para trabalhar a sexualidade nas escolas, os livros didáticos não se têm mostrado muitas vezes capazes de superar a biologia descritiva, analítica e receituária. Especialmente almeja-se uma prática pedagógica do professor integrando os conteúdos curriculares com as problemáticas sociais atuais, que parecem apenas repassar metodologias e técnicas científicas discricionárias (BONFIM, 2009, p. 18).

Afunilando sobre a temática, com base nas inquietações de Britzman (2000), cabe que seja questionado: quando os professores pensam sobre as relações de gênero e diversidade sexual, o que é que eles pensam? Quais tipos de discussões e diálogos são úteis para a formação em Ciências Biológicas? Desse modo,

No contexto da sociedade brasileira, ao longo de sua história, foi sendo produzida uma norma a partir do homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão. Essa é nossa identidade referência, a identidade que não precisa ser mencionada porque é suposta, está

subentendida. Por isso os “outros”, os sujeitos “diferentes”, os “alternativos” ou os “problemáticos” serão, em princípio, as mulheres, as pessoas não brancas, as não heterossexuais ou não-cristãs. Para perturbar um pouco esta ordem, apenas como um exercício, proponho que experimentemos inverter essas posições e que imaginemos o que aconteceria se quem é representado desse modo subordinado tivesse o direito de falar de si mesmo e por si mesmo. Esses sujeitos deixariam, então, de ser “os outros”. Ninguém é, afinal, essencialmente diferente, ninguém é essencialmente o outro; a diferença é sempre constituída a partir de um dado lugar que se toma como centro e como referência (LOURO, 2011, p. 66).

Cabe ressaltar, com base na literatura pesquisa, que os limites se tornam ainda maiores quando o tema central das discussões é a homossexualidade, que apesar de tantos avanços na educação em se discutir assuntos relacionados à sexualidade de forma mais clara e precisa, ainda é um tema marginal, considerado, por vezes, polêmico e complexo demais para a escola. Assim,

[...] por um lado, alguns setores sociais passam a demonstrar uma crescente aceitação da pluralidade sexual e, até mesmo, passam a consumir alguns de seus produtos culturais; por outro lado, setores tradicionais renovam (e recrudescem) seus ataques, realizando desde campanhas de retomada dos valores tradicionais da família até manifestações de extrema agressão e violência física (LOURO, 2001, p.542).

Desse modo, Louro (1997) esclarece alguns aspectos que acaloram sexualidade. Nesse contexto, há, muitas vezes, embaralhamentos, misturas, confusões. A autora não se refere apenas a indistinções conceituais, como aquelas que alimentam os debates acadêmicos, mas, talvez de modo mais candente, às indistinções do senso comum – como a noção de que é um “sujeito gay não passa, ao fim e ao cabo, de uma mulherzinha” ou a noção de que é “impossível ser feminina e lésbica” –, noções que acabam por se naturalizar de tal modo que se tornam quase imperceptíveis. Essas noções estão muito arraigadas em nossa cultura e lidamos com elas constantemente em nossas escolas (LOURO, 1997).

Além disso, percebemos que muitos educadores de ciências e biologia acabam se sentindo inseguros e sem embasamento teórico para discutir tais questões, além de não terem a ampla formação que assegure a abordagem efetiva na escola, como também nas universidades e demais ambientes educativos. Porém,

Embora não seja exclusividade dos cursos de ciências biológicas trabalhar temas relacionados a sexualidade e gênero, sabe-se que é competência da disciplina biologia tratar conteúdos como doenças sexualmente transmissíveis, fisiologia e reprodução humanas no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, nos quais é especialmente difícil determinar a fronteira que separa os conceitos científicos das ciências naturais de um discurso moralizante em relação ao sexo, para crianças e adolescentes (SOUZA; DINIS, 2010, p. 121).

Nessa discussão, já se torna compreensível de sexualidade, assim como as identidades sexuais se constrói e reconstrói a partir das vivências e suas relações sociais, políticas, econômicas, históricas e culturais do sujeito com o meio e com o outro.

Aprendemos nos livros, na escola, nos meios de comunicação, na grande mídia, nos filmes, revistas, outdoors, jornais... a idealizar algumas características humanas como as representações legítimas e naturais do que seja ser humano, ou seja, um “ideal” padrão este que refere-se geralmente a homens, brancos, europeu, heterossexual e etc.

No bojo dessas reflexões,

Estudiosas/os feministas vêm, já há alguns anos, colocando essas questões, ao mesmo tempo que sugerem fórmulas não sexistas de tratamento. No entanto, se em algumas sociedades seus esforços estão sendo acolhidos e incorporados, em outras são ainda menosprezados ou ridicularizados. (LOURO, 1997, p.67).

Em crítica, se temos um padrão moderno de escola, também temos padrões de aluno, professor e de formação que esta instituição espera. Acabam lidando com esse ideal como algo dado e esquecem que isso é resultado de uma construção, que como tal pode ser desconstruída (Fonseca, 2011). Essas ideias de “desconstrução e desnaturalização” da sexualidade e gênero tornam-se o vícios da reflexão pós-estruturalista *queer*. Para Louro,

Escola, currículos, educadoras e educadores não conseguem se situar fora dessa história. Mostram-se, quase sempre, perplexos, desafiados por questões para as quais pareciam ter, até pouco tempo atrás, respostas seguras e estáveis. Agora as certezas escapam, os modelos mostram-se inúteis, as fórmulas são inoperantes. Mas é impossível estancar as questões (LOURO, 2001, p. 543).

Nesse contexto, percebemos que muitas pesquisas, equivocadamente, tendem a chamar homossexuais, negros e mulheres de minorias. “Hoje, as chamadas minorias sexuais estão muito mais visíveis e, conseqüentemente, torna-se mais explícita e acirrada a luta entre elas e os grupos conservadores” (LOURO, 2001, p. 542). Sendo assim, essas chamadas “maiorias silenciosas” se fazem presente na escola, lugar este repleto de multiculturas e diversidade. Isso exige cada vez mais a qualificação dos professores para um olhar plural.

Portanto, percebemos um conflito que existe entre sexualidade e formação em Ciências Biológicas. Os estudos pós-estruturalistas frisam a importância da formação de professores para a compreensão sobre corpo, gênero e sexualidade no ambiente educacional na tentativa de desnaturalizar e desnormalizar posturas sexistas.

Trabalhar com futuros professores de Ciências e Biologia temáticas relativas à sexualidade torna-se pertinente, pois na vida dos seres humanos, essas relações são experimentadas ou reveladas em expectativas, imaginações, anseios, crenças, posturas, valores, atividades práticas, papéis e convivências, ou seja, experiência plurais. “Mas as coisas costumam se complicar um pouco mais quando se trata da sexualidade. Inúmeras pesquisadoras e pesquisadores comentam o quanto parece ser difícil admitir que a sexualidade também é construída culturalmente” (LOURO, 2011, p. 65). Nesse contexto, a sexualidade abrange, além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossos desejos e prazeres, nossa cultura. Trata-se das dimensões do ser humano que abarca gênero, identidade sexual, orientação sexual, entre outros.



Assim, a abordagem da sexualidade em sala de aula instiga o desenvolvimento do exercício da curiosidade, fundamental para a realização de práticas pedagógicas para com a temática. Portanto, a partir das questões colocadas, o professor deve assumir uma postura de crítica aos métodos educacionais atuantes e debater a sexualidade não como objeto pronto, acabado, biologizado, mas em seu contexto histórico de formação e transformação, devendo ser estudada em suas relações com o cotidiano do estudante (BRITZMAN, 2000).

### Considerações finais

Em nossa pesquisa, sob o viés crítico analítico dos estudos pós- críticos, pudemos perceber que uma importante constatação sobre linguagem, sentidos e funcionamento na educação é que estes não se tornam vazios. Quando se aborda sexualidade em sala de aula e não sabemos o que dizer, ficam os conceitos sendo difundidos por meio do senso comum e de supostos “achismo”. Isso gera o que Foucault (2008) chama de repetição.

Apresentamos uma breve reflexão de como se (des)vela o discurso sobre sexualidade na formação em Ciências Biológicas e percebemos que nas últimas décadas os estudos culturais vem incorporaram novas abordagens sobre sexualidade, e, torna-se necessário incluir na formação em Ciências Biológicas. A tentativa dessa inclusão é desenvolver reflexão crítica, questionando o olhar somente biologizante, com objetivo de pensar a sexualidade e suas expressões sociais e culturais.

### Referências

- BARCELOS, N. N. S.; JACOBUCCI, D. F. C. Estratégias didáticas de educação sexual na formação de professores de Ciências e Biologia. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**. v. 10, n. 2, p.334-345,2011. Disponível em:<[http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen10/ART6\\_VOL10\\_N2.pdf](http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen10/ART6_VOL10_N2.pdf)>. Acesso em 15 jan. 2015.
- BONFIM, C.R de S. **Educação sexual e formação de professores de ciências biológicas**: contradições, limites e possibilidades. 2009. 272 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2009.
- BRITZMAN, D. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2.ed. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 83- 112.
- FONSECA, T. S. M. **Quem é o professor homem dos anos iniciais? Discursos, representações e relações de gênero**. 2011. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7.ed.Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. 5. ed. Tradução de Laura F. de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

- JESUS, A. S. de; MELO, A. S. A. F.. Concepções sobre sexualidade, contracepção e prevenção entre universitários de ciências biológicas da UEFS. In: **VI colóquio internacional educação e contemporaneidade**. Anais... São Cristovão, 2012.
- LOURO, G. L. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. *Revista brasileira de pesquisa sobre formação docente*. v. 3, n. 2, jan.-jul. 2011. Disponível em: <<http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br/artigo/exibir/9/30/1>>. Acesso em: 07 jan. 2015.
- LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>>. Acesso em: 04 jan. 2015.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- LOURO, G. L. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2.ed. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. 191 p.
- LOURO, G. L. Teoria Queer - uma política pós-identitária para a educação. **Estudos Feministas**. Ano 9(2), 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf>>. Acesso em: 04 fev. 2015.
- MISKOLCI, R. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 11, n. 21, jan./jun. p. 150-182, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>>. Acesso em 10 jan. 2015.
- RODRIGUES, J. L.; SANTOS, S. P. Sexualidade no ensino de ciências e biologia: um estudo sobre as experiências de futuros/as professores/as no estágio supervisionado. In: **Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades**. Anais... Salvador, 2013.
- SOUZA, L. C. **Gênero e sexualidade na formação de docentes em Biologia**. 2008. 58 f. Monografia (trabalho de conclusão de curso de graduação). Departamento de Ciências Sociais – DECISO. Universidade Federal do Paraná – UFPR. Paraná, 2008.
- SOUZA, L. C.; DINIS, N. F. Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação docente em biologia. **Pro-Posições**. Campinas, v. 21, n. 3 (63), p. 119-134, set./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v21n3/v21n3a08>>. Acesso em 10 jan. 2015.
- YARED, Y. B.; LOCKS, G. A. Educação e sexualidade: a compreensão de professoras de ciências e biologia sobre diversidade sexual. **Percursos**. Florianópolis, v. 3, n. 2. p. 155-158, jul/dez. 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/view/2448/2202>>. Acesso em 9 jan. 2015.

## **SPEECH ON SEXUALITY IN FORMATION IN BIOLOGICAL SCIENCES**

### **ABSTRACT**

For the development of the work, it was a qualitative survey was conducted. Data collection was through some academic productions. Our aim was to reveal the discourse on sexuality in training in Biological Sciences. The analysis of the collected statements was through the Foucault, in conjunction with studies of Deborah Britzman, Guacira Lopes Louro on issues relating to the themes of the study in sexuality. Thus, the textual fabric was based on the intersection of sexuality issues and teacher training in Biological Sciences in their research production of post-critical nature. We conclude that there is a need for a critical reflection on training in Biological Sciences for thematic about sexuality, questioning look only biologizing.

**Keywords:** Sexuality, teacher, teaching science and biology.

Recebido em 26/03/2015.

Aceito em 16/06/2015.